

O MARXISMO

PINTO FERREIRA

1. — *A Sociologia marxista*. — O socialismo não é uma doutrina imobilizada, petrificada em um dogma imutável, porém um sistema de idéias econômicas e sociais retificadas constantemente com o progresso ético e científico da humanidade.

O fundo de verdade humana que o socialismo exprime se propende a ter um cunho universal, mas ao mesmo tempo constitue uma verdade contingente e relativa, ajustada à paisagem social peculiar a cada nação, segundo o seu clima psicológico e o seu tempo de evolução histórica. (1)

Esse socialismo científico, cristalizado no pensamento genial de Marx, ao contrário do que ordinariamente se pensa, nunca foi apostolado como uma pregação antiliberal, mas, na opinião abalizada nos intérpretes mais recentes, é uma doutrina científica de tonalidade construtiva, missionando ou evagelizando a própria transmutação da natureza humana.

A liberdade é o último termo da equação política hegeliano-marxista. É o terminal de um longo processo histórico, que, condicionado por fatores sociais e culturais, econômicos e espirituais, permitirá uma mais completa dominação do homem sobre a natureza e a sociedade.

(1) — S. I. Hayakawa, *Semantics, General Semantics*, in *A review of general semantics*, 1947, IV, 3, ps. 161 — Carnap, *Abriss der Logik*, Wien, 1929; *Logische Syntax der Sprache*, Wien, 1934 e *Physisikalische Begriffsbildung*, Karlsruhe, 1926.

É evidente mesmo, como salienta um dos mais eminentes sociólogos contemporâneos, J. F. Brown, o criador da moderna teoria do campo social, no seu trabalho "Psychology and the Social Order" (New York and London, 1936, p. 452), que, para o marxismo "man has an active role in history. He makes his history, but he is limited by the existing conditions of his particular times".

As bases do sistema sociológico e econômico de Marx, segundo ensina o ilustre pensador inglês Laski, no seu trabalho "Communism", bem como o americano Brown, são as seguintes: (a) a teoria do determinismo dialético; (b) a doutrina das lutas de classes; (c) as leis do desenvolvimento da sociedade; (d) a concepção marxista do Estado e da revolução; afinal (e) o coroamento ideológico de todo o poderoso sistema com a filosofia social da liberdade ética. (2)

2. — *A teoria do determinismo dialético de Marx.* — A idéia da liberdade criadora, como auto-determinismo, escolha ou seleção do indivíduo diante das situações concretas que lhe oferece a vida, não denega, de maneira alguma, o rigor conceitual e a precisão lógica da teoria do determinismo dialético.

O determinismo histórico, de uma maneira idêntica à sociologia, adota o ponto de vista do determinismo usado em toda verdadeira ciência. Esta visão abrange a conceituação naturalística da causalidade e a posição epistemológica do realismo. Ambos sistemas sustentam, assim, que a realidade é cognoscível e de uma maneira crescente, como também a existência de uniformidades na vida social a serem reveladas

(2) — J. F. Brown, o. c., p. 450: "One of the reason why novices find the discussion of Marxists concerning dialectical materialism so confusing, even mystical, is that dialectic is used to refer to (1) a system of logic, (2) a system of epistemology, (3) the laws of natural science methodology, and (4) historical processes. That these things are related, I believe, is quite certain".

cientificamente, sendo êsse conhecimento utilizado para fins de predição e contrôle. (3)

Marx, com efeito, deblaterando contra as resistências intransigentes em que se encaustelava a velha sociologia dos apedeutas, notou logo primâ facie, na sistemática da sua doutrinação, a influência decisiva da economia na sociedade. Em frase lapidar, êle ponderou que o “modo de produção na vida material determina o carater geral dos processos sociais, políticos e espirituais da vida. Não é a consciência dos homens que determina a sua existência, mas, ao contrário, é a sua existência social que determina a sua consciência” (4. O homem em si mesmo não constitui, pois, nenhuma abstração, é antes o conjunto simbólico das suas relações sociais (das menschliche Wesen ist kein... Abstraktion. In seiner Wirklichkeit, ist es das Ensemble der gesellschaftlichen Verhaeltnisse.

Na derivação lógica dessa teoria, as novas forças de produção não podem encontrar uma expressão adequada na estrutura jurídica e ideológica da sociedade. Elas se desenvolvem de uma maneira dinâmica e dialética, resultando da sua força propulsora uma luta entre a classe que representa o velho status das forças produtivas e a classe que representa as novas tendências econômicas.

O eixo em derredor do qual gira o determinismo histórico é a famosa teoria da “Ueberbau”, segundo a qual tôdas as forças espirituais da sociedade, a religião, a arte, o direito, a filosofia e a ética, são apenas uma superestrutura ideológica desenvolvida pelas forças produtivas da sociedade, que constituem o seu condicionamento objetivo. Nêsse sentido, é bem conhecida a proposição marxista, de que a própria religião aparece como um produto social (das religioese Gemueh

(3) — Elton F. Guthrie, *Historical Materialism and its Sociological Critics*, in *Social Forces*, 2, 20, 1941, p. 177.

(4) — Karl Marx, *Zur Kritik der Politischen Oekonomie*, Berlin, 1930, Verwort, p. 5: “Es ist nicht das Bewusstsein der Menschen, das Ihr Sein, sondern ihr gesellschaftlichen Sein, das ihr Bewusstsein bestimmt”.

selbst ein gesellschaftliches Produkt ist), o que seria igualmente aplicável a todos os outros processos sociais.

Daí a sua conceituação célebre: “Na formação social da sua vida, os homens são ligados por certas relações indispensáveis, independentes da vontade deles, *relações de produção*, que correspondem a determinado grau de evolução das suas forças produtivas materiais. O conjunto das relações de produção constitui a *estrutura econômica* da sociedade, o fundamento real sobre o qual se eleva a superestrutura (Ueberbau) jurídica e política, e à qual correspondem determinadas formas sociais de consciência” (5). Essa análise é aprofundada ameaçadoramente no “Das Kapital”, na pesquisa do processo da produção capitalista, onde avulta a idéia de que “as relações jurídicas (Rechtsverhältnisse), assim como as formas do Estado, não podem ser explicadas por si mesmas nem pelo que se chama a evolução geral do espírito humano”, mas suas raízes estão, em verdade, “nas condições objetivas da existência”, entre as quais a economia e a técnica constituem o real arcabouço social.

Essa correspondência entre a superestrutura ideológica e a infra-estrutura econômica, entre a “Ueberbau” e a “Unterbau”, não é a de um determinismo simplista e ingênuo, é antes a tese de uma causalidade condicional, no sentido de Wolf. É o próprio Marx, no seu clássico “Das Kapital”, quem sobreleva a importância da tecnologia, “na maneira como o homem procede para com a natureza, o processus de produção pelo qual mantém a sua vida, e pelo qual faz também

(5) — Karl Marx, Zur Kritik der Politischen Oekonomie (cit.), p. LV: “In der gesellschaftlichen Produktion ihres Lebens gehen die Menschen bestimmte, notwendige von ihrem Willen unabhängige Verhältnisse ein, Produktionsverhältnisse, die einer bestimmten Entwicklungsstufe ihrer materiellen Produktionskräfte entsprechen. Die Gesamtheit dieser Produktionsverhältnisse bildet die ökonomische Struktur der Gesellschaft, die reale Basis, worauf sich ein juristischer und politischer Ueberbau hebt, und welcher bestimmte gesellschaftliche Bewusstseinsformen, politischen und geistigen Lebensprozess überhaupt”.

surgir o modo de formação das suas relações sociais e as concepções espirituais que d'êla deriva". Essa mesma técnica da produção e do trabalho, conforme esclarece Marx em uma passagem citada do seu "Kapital", repousa na variedade dos fatos empíricos, nas condições naturais, nas relações de raça e nas influências sem número da história externa (Dies hindert nich dass dieselbe oekonomische Basis — dieselbe den Hauptbedingungen nach — durch zahllose verschiedene empirische Umstaende, Naturbedingungen, Rassenverhaeltnisse, von aussen wirkende geschichtlichen Einfluesse u.s.w. unendliche Variationen und Abstufungen in der Erscheinung zeigen kann, die nur durch Analyse dieser empirisch gegebenen Umstaende zu begreifen sind).

E rodobrando ainda mais concludentemente êsse ponto de vista, declara Marx, como um preceito preambular da sua cosmovisão, a possibilidade da ideologia ou da ciência de re-influir decisivamente na transformação dos quadros da natureza e da sociedade.

Sôbre a conceituação do determinismo histórico existem, aliás, perspectivas diferentes de interpretação a-respeito do papel desempenhado pelo elemento econômico. Sorokin, em uma brilhante crítica sôbre o problema, pretende que um grande defeito fundamental da teoria do determinismo dialético é "a ambiguidade e incerteza da expressão" de que "o fator econômico é o fator último, final, e o mais importante dos fenômenos sociais". Como se sabe, afirma Sorokin, essa declaração foi interpretada de duas maneiras. Certos escritores marxistas e não-marxistas (Plekhanov e Ellwood) a entenderam no sentido de que o fator econômico é suficiente, com exclusão de qualquer outro, para explicar todos os processos históricos e sociais. Certos outros escritores, a exemplo de Seligman, Labriola, Marx e Engels na última fase dos seus estudos, a interpretaram no sentido de que é sômente o fator principal, ao lado do qual há outros fatores menos importantes.

A primeira interpretação é uma sorte de concepção monista ou uma tentativa feita para explicar o conjunto da vida

74

social, e todo o processo da história, pelo fator econômico isolado, e que na realidade é uma perspectiva falsa. Porém, frente a essa concepção monista, há a interpretação pluralista, apenas afirmando que “entre os numerosos fatores, o fator econômico é o mais importante, o fator primário”, Mas, segundo Sorokin, essa apreensão pluralista da teoria de Marx-Engels lhe retira toda a originalidade, e equivale a abandoná-la.

A verdade, entretanto, é que a doutrina do determinismo dialético constituiu, não obstante a sua carência de definições operacionais, uma das primeiras explicações unitárias do “campo social”. Marx-Engels mesmo a retificaram progressivamente, afim de lhe dar uma amplitude científica mais esmerada, como esclarece lucidamente Jászi (6): “The reconstruction of the main elements of Marxian thought is difficult because Marx and Engels adopted different points of view in different periods”. E continuamente, na medida da sua depuração lógica e conceitual, o determinismo dialético acentuava a dependência mútua dos processos sociais e a sua causalidade funcional, de sorte que, desse defeito apontado por Sorokin, não se ressentia o marxismo.

Marx-Engels, com efeito, não ignoravam a idéia da correlação funcional dentro da comunidade, falando da ação mútua (*Wechselwirkung*) entre infraestrutura econômica e superestrutura ideológica. Na sua carta para Starkenberg (25 de Janeiro de 1894) escreve Engels com o tom magestoso de um oráculo: “O desenvolvimento político, jurídico, filosófico, literário e artístico repousa no desenvolvimento econômico. Mas todos reagem, conjuntamente e separadamente, um sobre o outro, e sobre a base econômica”. No próprio “Manifest der Kommunistischen Partei”, reconhece-se que a bur-

(6) — *Oscar Jászi*, *Socialism*, Encyclopaedia of the Social Sciences, New-York, Macmillan 1935, vol. XIV, p. 198. — *Sidney Hook*, *Materialism*, idid., vol. X, pp. 208-220. — *Karl Korsch*, *Die materialistische Geschichtsauffassung*, Leipzig, 1929, pp. 86-7. — *Djacir Menezes*, *Teoria Científica do Direito*, 1934, passim. — Vide *José Pessoa de Morais*, *O homem e o meio*, Recife, 1948, passim.

guesia apoderou-se do mecanismo político do Estado e esse fato atuou profundamente na vida social (determinação política). É o que ainda declara Engels, ainda a meio século de distância, ao pesquisar, dentro da unidade dialética do universo, a diferenciação real entre “natureza” e “sociedade”: “Num ponto... a história do desenvolvimento da sociedade prova ser essencialmente discrepante daquela da natureza. Na natureza... há só forças cegas e inconscientes atuando mutuamente. Na história da sociedade, de outro lado, os atores são dotados de consciência, são homens atuando com deliberação ou paixão, trabalhando segundo fins definidos”. E mais adiante: “A história se processa de tal maneira, que o resultado final sempre resulta de conflito entre inúmeras vontades individuais, das quais cada uma se tornou o que é graças a um grupo de condições particulares da vida. Destarte, existem forças inumeráveis, que se entrecruzam, número infinito de paralelogramos de forças, que dão a resultante, o acontecimento histórico” (Cf. Engels, Feuerbach, New-York, 1935, p. 58).

Esse critério valorativo é reconhecido pelos modernos comentadores da filosofia social marxista, a exemplo de Guthrie, Korsch, Hook, Brown, vendo na infraestrutura econômica a “base” da estrutura comunitária. Por isso mesmo, é que Sidney Hook, na sua colaboração sobre o marxismo na “Enciclopédia Sociológica Americana” (X, p. 217), salienta como o primeiro princípio do determinismo histórico: “Every existing culture is a structurally interrelated whole. Consequently any aspect of that whole — its legal code, educational practises, religion, art or the like cannot be understood by itself. It must be taken within the contest of the system of social energies in which it functions”.

Destarte, considerando-se a unidade dialética da comunidade humana, pode-se concluir com Guthrie: “Marxist sociology is also functionalist in emphasis; each culture or historical epoch is considered from the standpoint of its internal organization and interrelation of the whole (o.c., p. 179). E a teoria do determinismo histórico, através da socio-

logia epistemológica, mediante as novas aquisições da lógica não-aristotélica, preparou os fundamentos da teoria unitária do campo social, labor definitivo da sociologia contemporânea.

3. — *As contradições sociais e a teoria da luta de classes.* — O corolário indispensável da doutrina da “Ueberrbau” é o princípio da “simetria”, cuja cristalização sociológica inicial está na idéia das contradições sociais do determinismo dialético.

Segundo Marx, a causa principal do movimento na sociedade é o antagonismo entre as forças produtivas (Produktivkraefte) e as relações existentes de produção (Produktionsverhältnisse).

Trata-se do que Ogburn, num tropo de retórica, denomina de “cultural inertia”, concebida pelo determinismo histórico como a resistência do statu quo das relações de produção existentes na sociedade contra as forças inovadoras do progresso técnico e social.

A própria conceituação da “cultural lag” do mesmo Ogburn e de Chapin, ou o princípio da simetria expresso por Pontes de Miranda, Mário Lins e Djacir Menezes, eram enunciados por Marx nos termos da “contradição” causada pelas novas forças produtivas no seu conflito contra as relações de propriedade existentes no grupo social.

Assim é que, na teoria marxista, os conflitos entre os meios altamente socializados de produção e a propriedade individual dos meios de produção, gerada essa última pelo sistema capitalista, cria as condições necessárias para a revolução social. A revolução remove os “contradições sociais” e permite à sociedade desenvolver-se para um plano mais elevado, como foi o caso da transição do feudalismo para o capitalismo.

Ogburn, Chapin Guthrie, Summer, Cooley, Wiese chegam a conclusões pouco mais ou menos semelhantes. Na sociologia objetiva de Ogburn, com efeito, se pretende que o amontoamento dos retardamentos culturais (piling up of lags) resulta no que é “provavelmente” (probably) descrito

“pela palavra revolução” (the word revolution). De idêntica maneira, Summer escreve que, “in higher civilizations crises produced by the persistency of old more after conditions have changed are solved by revolution or reform”, designando esse princípio pelo título da “strain toward consistency” nos costumes e mores. O eminente sociólogo ianque Cooley, como o criador da “Beziehungslehre”, von Wiese, generalizam as suas observações sobre esses processos sociais na análise do formalismo, “formalism” ou “Verknoecherung”: as instituições sociais, outrora eficazes na satisfação de determinadas necessidades, tornam-se formalistas ou ossificadas, desorganizam-se, para depois exigirem uma “reorganização”. Nesse sentido Ross definiu a ossificação social, como o processo pelo qual atividades e instituições sociais perdem sua adaptabilidade, assumindo formas rígidas, tal qual von Wiese conceitua o formalismo, enunciando com precisão que os grupos humanos ligados à uma determinada tradição tornam-se via de regra obsoletos, desde que não se transformem durante um certo tempo.

É verdade que Marx se detém num plano mais concreto e empírico, quando resume a sua teoria das lutas de classes sociais, nas páginas do seu famoso “Manifesto Comunista”, ao acentuar que “die Geschichte aller birsherigen Gesellschaft ist die Geschichte von Klassenkaempfen”. Eis a síntese de sua doutrina a-respeito do problema: “A história de todas as sociedades, que até agora existiram, é a história de uma luta de classes. Homem livre e escravo, patricio e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação e companheiro, opressor e oprimido, todos se jogaram em oposição constante um contra o outro, sustentaram uma luta permanente, ora mascarada ora aberta, uma luta que termina sempre ou pela reconstituição revolucionária e total da sociedade, ou pela ruína comum das classes... A sociedade burguesa moderna, que saiu das ruínas da sociedade feudal, ainda não exgotou os seus antagonismos de classe. Ela somente estabeleceu novas condições de opressão, novas formas de luta no lugar das

antigas... Nessa época, a época da burguesia, possui não obstante esse caráter distintivo: ela simplificou os antagonismos de classe. A sociedade no conjunto se divide mais e mais em dois grandes campos hostis, em duas grandes classes, que se defrontam diretamente: a Burguesia e o Proletariado”.

Não há negar essas lutas de classe na sociedade, que o próprio Fairchild, em um trabalho recente, define magistralmente, como as lutas históricas dos grupos econômicos inferiores com o fito de se libertarem da dominação ou exploração pelas classes elevadas ou privilegiadas, e destas últimas afim de manterem a sua posição privilegiada de dominação. (7)

Cingindo-nos mais de perto aos fatos: as revoluções sociais, que se realizam nas instituições humanas, têm as suas causas preponderantes nas forças econômicas, como o elemento propulsor do progresso social.

Assim a teoria das lutas de classe, dos antagonismos ou conflitos de camadas sociais, é apenas, na teoria socialista do Estado, um caso particular das contradições sociais, como alguma coisa de imanente na estrutura da comunidade humana.

É o que agudamente sintetiza Guthrie, quando comenta que os princípios do “cultural lag”, do “strain towards consistency”, “formalism” da sociologia contemporânea, e esse outro das “contradições sociais”, derivado do pensamento marxista, podem evidentemente ser resolvidas em um denominador comum (common denominator).

(7) — Henry Fairchild, *Dictionary of Sociology*, New-York, 1944, p. 59: “The historic struggles of the lower and restive economic groups (whether or not “class conscious”) to free themselves from domination or “exploitation” by the upper or “privileged” classes, and of the latter to maintain their domination and privileged position. — M. Adler, *Die Staatsauffassung des Marxismus*, Wien, 1922. — H. Cunow, *Die Marsche Geschichts*, — *Gesellschafts — und Staatstheorie*, 2, de., Berlin, 1920-21. — Henri de Man, *Zur Psychologie des Sozialismus*, Jena, 1927.

Além disso, explorando-se com sabedoria o método dialético, poder-se-ia chegar a novas conclusões originais sobre os conflitos de classes, aperfeiçoando-se destarte as inferências implicitamente contidas no marxismo.

Com efeito, há duas tendências fundamentais na cultura e na sociedade: uma conservadora, aquilo que Mannheim na sua "Ideologie und Utopie" denomina muito justamente "das konservative Denken", esforçando-se por conservar as coisas tais como estão, e outra progressista ou inovadora, ambicionando destruir os antigos edifícios sociais. Ambas ideologias chocam-se constantemente: é a luta das ideologias, "der Kampf der Ideologien".

Entre a ideologia conservadora, agarrada intransigentemente às velhas estruturas do pensamento, e a ideologia progressista, que é o salto dialético e hegeliano das inovações constantes que se produzem na sociedade, há um choque contínuo e inevitável. Daí a divisão ou estratificação da sociedade em dois partidos ou lados opostos, os conservadores e os progressistas, que são justamente as tendências bipolares da sociedade.

A esse respeito escreve o prof. Bushnell, com extraordinária visão: "Os conservadores, sendo histórico — e principalmente uma minoria de pessoas altamente favorecidas, com interesses corporificados numa propriedade (os vested interest de Veblen), que não é utilizado pelo povo, são geralmente compelidos, ou pelo menos estão acostumados a restringirem o uso das mercadorias e bens mediante os velho processos autocráticos de reservá-los para os poucos. Os progressistas, pelo contrário, sendo histórico — e principalmente a maioria dos menos favorecidos, dos mais desajustados e sem grandes interesses investidos, foram compelidos à experiência de expandirem o uso das mercadorias e bens disponíveis mediante os recentes métodos democráticos de extendê-los a todos". De onde procede, no campo estritamente econômico, essa oposição inerente entre os interesses e ideologias das classes

77

trabalhadoras contra a minoria dos empregadores, cujos reflexos são as lutas históricas de classes ou camadas sociais. (8)

As generalizações posteriores do pensamento marxista decorrem naturalmente dessas premissas históricas, prevenindo ser inevitável o desenvolvimento das forças produtivas, dinamitando o statu quo das relações existentes da produção. Essas forças produtivas, devidamente simbolizadas e representadas por uma nova classe, a classe proletária e trabalhadora, seriam vitoriosas na modelação da nova sociedade. Segundo diz Jászi, sintetizando a sociologia marxista, a razão humana não pode alterar essa evolução inevitável; pode apenas aliviar a dor da criação da nova sociedade, previamente desenvolvida no corpo da velha comunidade. (9)

Por isso Marx conclue pela próxima revolução do proletariado, que será a última das revoluções sociais, trazendo a emancipação econômica e política do homem do povo, a liquidação das classes exploradoras e a cristalização histórica da nova sociedade sem classes, ou "klassenlose Gesellschaft".

A idéia matriz da sociologia marxista, o seu coroamento doutrinário, mau grado os desvios unilaterais, que vez por outra mutilam o seu centro vital, é assim a transformação da sociedade burguesa, com a sua estrutura capitalista, em uma

(8) — Sobre a definição de classe social vide *Lucio Mendieta y Nunez*, *The Social Classes*, *American Sociological Review*, Volume II, N.º 2, April, p. 169: "In our concept a social class is determined by a combination of cultural and economic factors. We might say that the social classes are large aggregates of persons, aggregates differentiated from one another by the specific features of their culture and of their economic situation."

(9) — *Constantino Panunzio*, *Major Social Institutions*, N.Y., 1945. — *Talcott Parsons*, *Sociological Elements in Economic Thought*, in *Contemporary Social Theory*, 1940, pp. 601 s. e *The Structures of Social Action*, 1937. — *Michels*, *Theorie des Klassenkampfes*, *Handelspolitik*, *Wahrungsfrage*, in *Vereins fuer Sozialpolitik*, *Schriften* clxx, 1925, pp. 9-86. — *E. Heimann*, *Die Sittliche Idee des Klassenkampfes und die Entartung des Kapitalismus*, Berlin, 1926. — *Lewis Lorwin*, *Class Struggle*, in *ESS*, N.Y., 1935, III, pp. 538 s. — *Thorstein Veblen*, *Teoría de la Clase Ociosa*, México, 1944.

comunidade humana de natureza e fundamentos socialistas, ou seja, a passagem histórica do capitalismo para o socialismo. (10).

4. — *As leis do desenvolvimento da sociedade capitalista.* — Marx intentou a descoberta de diversas leis de desenvolvimento da sociedade, no sentido de um determinismo monolinear e irreversível, que incorporou harmoniosamente ao seu sistema sociológico e econômico.

Como bem dizem, Fred Fairchild, Furniss e Buck (11), "socialism must come as a natural growth of capitalistic society, or it will not come at all. Socialists may speed up the intermediate atages leading to the new society and may facilitate the transition, but the motive power must be supplied by the forces of capitalism itself". Daí determinadas leis de desenvolvimento da sociedade capitalista, princípios inexoráveis de sua evolução, forças ativas que provocarão a eventual transição do capitalismo para o socialismo, e que Marx assim resumiu: a) a tendência para a concentração do capital; b) o crescente número e a miséria progressiva do proletariado; c) o colapso do sistema produtivo nas épocas de crise.

O primeiro princípio é a famosa lei da acumulação do

(10) — As causas de tais conflitos sociais, entre capitalismo e socialismo são sobretudo buscadas por Marx, em uma análise ameaçadora e concludente, que realiza no "Das Kapital", na concepção da mais-valia ou "Mehrwert", expondo a sua teoria do trabalho como a fonte de valor. Cf. Marx, *Das Kapital*, Berlin, 1928, Erste: Band, p. 168: "Den Teil des Arbeitszeit, also, worin diese Reproduktion ergeht, nenne ich notwendige Arbeitszeit, die waehrend derselben verausgabte Arbeit". Mais adiante: "Wir haben bisher in dieser Schrift das Wort notwendige Arbeitszeit angewandt fuer die zur Produktion einer Wareueberhaupt gesellschaftlich notwendige Arbeitszeit. Wir brauchen es von jetzt ab auch fuer die zur Produktion der spezifischen Ware Arbeitskraft notwendige Arbeitszeit".

(11) — F. Fairchild, E. S. Furniss, N. S. Buck, *Elementary Economics*, New York, 1940, II, p. 622. — Laski, Karl Marx, London, 1922. — Croce, *Materialismo storico ed economia marxistica*, Bari, 1927. — Seligman, *The Economic Interpretation of History*, N.Y., 1917. — Plenge, Marx und Hegel, Tuebingen, 1911. — Simkhovitch, *Marxism versus Socialism*, New York, 1913, passim.

capital (die Akkumulation des Kapitals). Dela resulta, inevitavelmente, a concentração da indústria em unidades comerciais cada vez mais poderosas, e, de outro lado, a concentração da riqueza e da renda nas mãos de uma minoria cada vez mais reduzida. Os pequenos estabelecimentos comerciais ou industriais serão aniquilados, e a produção será concentrada em poucas emprêsas colossais. É o que resume Jászi: pela bancarrota dos pequenos produtores e pela exploração crescente dos trabalhadores, as riquezas e os instrumentos técnicos tendem a concentrar-se em poucas mãos. O próprio Marx descreve êsse processo inevitável, que se correlaciona com a miséria crescente da massa proletária, em frase concisa: "Enquanto há uma progressiva diminuição de número de magnatas (que usurpam e monopolizam tôdas as vantagens dêste processo produtivo), ocorre um correspondente aumento na massa da pobreza, na opressão, na escravidão, na degenerescência e na exploração" do proletariado.

O segundo princípio do desenvolvimento da sociedade capitalista é o do número e miséria crescente da massa trabalhadora. Os proletários formam o chamado exército industrial da reserva (das industrielle Reservearmee), constituído de um número crescente de desempregados, cuja competição possibilita a existência de baixos salários e a própria formação da mais-valia. Pelo nome de proletário deve-se entender economicamente o trabalhador assalariado (Lohnarbeiter), que produz e valoriza o capital, e que é sumariamente abandonado (aufs Pflaster geworfen). Os franceses diriam "jeté sur le pavé", logo que é inútil às necessidades de "Monsieur Capital", conforme elucida claramente Marx, no "Das Kapital" (I, p. 550). Em consequência, devido ao seu baixo nível econômico, não pode o proletariado economizar o capital necessário para adquirir os meios de produção, que continuam em mãos da minoria burguesa.

O exército industrial de reserva é criado pelas condições econômicas da sociedade, que, na estrutura da sociedade capitalista pura, torna o proletariado cada vez mais numeroso e miserável. É o que resumem F. Fairchild, Furniss e Buck:

"The rich would grow richer and fewer, the poor more numerous and poorer". De outro lado, a criação da indústria em larga escala provocaria o esmagamento e a consequente proletarianização da pequena burguesia, os capitalistas aumentariam o número de horas de trabalho e integrariam gradativamente as crianças e as mulheres à massa trabalhadora, dado o desenvolvimento técnico do maquinário.

O próprio sentido da revolução industrial é a substituição do trabalho muscular e humano pelo trabalho mecânico, a substituição do homem pela máquina, que realiza o trabalho de centenas de homens, que são jogados para o exército industrial de reserva, aumentando assim o número de desempregados. Devido ao que, assim sintetiza Jászi o pensamento marxista: "Therefore the chief cause of the reserve army is technological unemployment".

Assim, a crescente acumulação do capital e a miséria degradante das massas, em combinação com a anarquia do sistema capitalista, levam à periodicidade catastrófica das crises, cada vez mais devastadoras, formando destarte a terceira lei do desenvolvimento da sociedade capitalista. A teoria das crises (crisis Theory, Zusammenbruch), juntamente com a teoria da concentração do capital, são os mais importantes baluartes do marxismo, diz Jászi, porque Marx estava convencido de que logo as crises destruiriam toda a estrutura da sociedade capitalista.

Junto com a teoria das crises, Marx justapõe a doutrina do imperialismo. Como bem define Sulzbach, "Imperialismus ist die Tendenz eines Staates, sein Herrschaftsgebiet zu erweitern", é a ampliação do domínio econômico e político cultural de um Estado. Segundo Marx e Engels, "as condições da sociedade burguesa são muito estreitas para conterem a riqueza que criou. E como procede a burguesia para superar essas crises? De um lado, pela destruição forçada de uma massa das forças produtivas, de outro pela conquista de novos mercados ou pela exploração cada vez mais intensiva dos velhos mercados. Isto é, pavimentando o caminho para crises mais intensas e destrutivas". Daí a sua convicção de que

a revolução mundial estava iminente, com novas crises mais agudas e profundas, dinamitando a estrutura das comunidades humanas.

Certo, o conceito de Marx e Engels é exato, em todo o seu rigor lógico e sistemático, quando pretende que a moderna forma de imperialismo é predominantemente econômica, antes que política, como reconhece Maurice Parmelee. Mas, ao lado disso, o marxismo pretende que essas crises econômicas profundas, aguçadas pelo imperialismo, levarão a sociedade burguesa ao ponto de saturação, segundo a idéia de Sorokin, e que então “o dobre de sinos da propriedade capitalista privada soará. Os expropriadores serão expropriados”. (12)

De tudo isso resulta uma mais profunda acumulação do capital em fantasmas empresas privadas, conglobando uma enorme massa de trabalhadores, a exemplo da “American Telephon and Telegraph Company”, citada por Berle e Means, no seu livro “The Modern Corporation and Private Property”, dispoendo de 154.000 empregados e 567.914 acionistas. Por isso elucida Engels: “A contradição entre a produção socializada e a propriedade capitalista manifestou-se como o antagonismo entre o proletariado e a burguesia”. O final desses entrechoques entre a burguesia capitalista e o proletariado socialista, verdadeiros abalos cósmicos na profundidade das sociedades, cujas ondulações se refletem até a superfície constitucional dos Estados, levará a tensão societal ao seu máximo, ao seu princípio de limite. Dinamitada a sociedade capitalista nos seus fundamentos mais íntimos, ela explodirá, surgindo para a vida o embrião socialista, com as dores do parto de uma nova forma social e econômica, a comunidade socialista.

(12) — Sobre o imperialismo v. *W. Sulzbach*, *Imperialism*, in *Hwb. der Soz.*, Stuttgart, 1931. — *J. Schumpeter*, *Zur Soziologie der Imperialism*, in *Arch. f. Sozialwissenschaft u. Sozialpolitik*, Bd. 46, 1918-18. — *M. J. Bonn*, *Imperialism*, in *E.S.S.*, 1935, VII, p. 605. — *M. Parmelee*, *Imperialism*, no *Dictionary of Sociology*, New-York, 1944, p. 150.

5. — *A concepção marxista do Estado e da revolução.*

— Os fundamentos doutrinários da teoria marxista do Estado foram logicamente desenvolvidas por Engels, baseado nos estudos de Morgan sobre a organização social primitiva dos iroqueses.

Segundo Engels os iroqueses constituem o exemplo clássico de uma sociedade sem Estado e dirigida segundo os ideais de liberdade ou igualdade. Entretanto, com o processo evolutivo, a aglomeração da riqueza provocou o começo das divisões-de-classe, que se aguçaram gradativamente. O Estado nasceu, pois, como “um produto da sociedade chega a um estágio de desenvolvimento determinado”, momento histórico este provocado pela estratificação da sociedade em classes econômicas: “O Estado, diz Engels, nascido da necessidade de segurar as rédeas dos antagonismos de classe, nascido ao mesmo tempo no meio do conflito destas classes, é em regra o Estado da classe mais poderosa, daquela que tem a dominação econômica, mediante a qual, torna-se também classe politicamente dominante, e assim adquire novos meios de sujeitar e explorar a classe oprimida”.

Tão somente em casos excepcionais é que “a balança da luta de classes se equilibra aproximadamente, graças a que o poder público ganha um certo grau de independência ao assumir a posição de um mediador entre as classes”.

O Estado moderno, o chamado Estado liberal-burguês, não é destarte “nada mais que o instrumento para a administração e consolidação dos interesses da classe burguesa como um conjunto”. É um simples instrumento de exploração e espoliação histórica da classe dominada pela classe dominante.

Essa situação, porém, não durará permanentemente. Como declara concisamente Engels, no seu famoso livro “*Der Ursprung der Familie, des Privateigentums und des Staates*”, a verdade é que “o Estado não existirá durante a eternidade. Houve sociedades que viveram sem ele, que não tinham noção alguma de Estado nem de poderes estatais. A um certo grau de evolução econômica, que se ligou necessariamente

te à divisão da sociedade em classes, essa estratificação tornou o Estado uma necessidade. Nós nos aproximamos agora, a largos passos, de uma fase de desenvolvimento da produção, onde a existência dessas classes cessou de ser uma necessidade e se transformou num obstáculo positivo à produção. As classes cairão tão fatalmente como surgiram. Com elas inevitavelmente desaparecerá o Estado. A sociedade que organizar a produção sobre as bases de uma associação livre e igualitária dos produtores levará consigo toda a máquina do Estado para o lugar que daí para diante será sua morada definitiva: ao museu de antiguidades, ao lado da roca e do machado de bronze”.

É essa justamente a doutrina marxista do desaparecimento gradual do Estado, como um instrumento de exploração das classes dominantes sobre as classes dominadas, daí decorrendo para o futuro a chamada sociedade sem classes, baseada na associação livre dos indivíduos. (13)

Pari passu com tais princípios, a estratégia da luta política adquire um caráter relevante na doutrina marxista, e suas idéias, aplicadas com escorreição, levaram Lênine à vitória durante a revolução bolchevista. O eminente filósofo italiano Croce chega mesmo a afirmar, a-respeito desse trecho do pensamento marxista sobre a linha tática da luta política, que Marx é “o mais notável continuador de Maquiavel”.

A primeira consideração tática é a própria necessidade de organização do proletariado num partido proletário, dotado de consciência de classe. Marx insistia mesmo na necessidade de um partido internacional do proletariado, uma vez que os trabalhadores não têm pátria. O proletariado deveria então trabalhar por uma revolução mundial, aproveitando

(13) — V. Emery S. Bogardus, *The Development of Social Thought*, New York, London, Toronto, 1944, pp. 252 s. — F. Engels, *Der Ursprung der Familie, der Privateigentums und des Staates*, Stuttgart, 16. Aufl., 1919. — Sobre as teorias de Morgan, v. o trabalho de J. Bernhard Stern, Lewis Henry Morgan, *Social Evolutionist*, Chicago, 1931. — H. M. Sherman Chang, *The Marxian Theory of the State*, Philadelphia, 1931, *passim*.

maquiavêlicamente as guerras imperialistas entre os potências capitalistas, a-fim de provocar a emancipação econômica e política da massa trabalhadora. As crises trazidas naturalmente pela guerra seriam um ambiente espiritual e econômico propício para a revolução social.

É verdade que Marx e Engels admitiam, como observam Jászi e Blodgett, que nos países democráticos altamente desenvolvidos, a exemplo dos Estados-Unidos, Inglaterra e Holanda, seria possível uma transformação pacífica do capitalismo em socialismo. Porém o seu ensinamento capital é no sentido de uma transformação violenta, nas nações atrasadas e reacionárias, mediante a ação e os processos revolucionários, como a segunda consideração tática fundamental do marxismo, que sintetisa o mesmo Jászi: "O proletariado não deve manter compromissos sérios com a classe burguesa, mas manter uma revolução permanente rejeitando todos os acordos. Nesta luta revolucionária contínua, a classe trabalhadora não se deve manietar a nenhuma consideração de justiça ou moralidade convencional".

Trata-se aqui do famoso princípio, de que os fins justificam os meios, denominado lapidarmente pelos novos juristas russos Archipoff e Jelistratoff como o princípio da legalidade revolucionária (Prinzip der revolutionären Gesetzmässigkeit).

Com a tomada do poder mediante os processos revolucionários os comunistas implantariam a ditadura do proletariado. Nesse sentido assim se expressava o próprio Marx, na sua "Crítica ao Programa de Gotha": "Existe um período de transformação revolucionária na transição da sociedade capitalista para a sociedade comunista. A isso corresponde também uma fase de transição política, na qual o Estado não pode ser outra coisa senão a ditadura revolucionária do proletariado".

Eis aqui, para melhor rigor da análise, a conceituação dada sobre a ditadura do proletariado por um dos mais eminentes mestres da filosofia política, o professor Roger Baldwin: "The Marxist principle of the exercise of the State po-

wer exclusively by a minority, acting professedly in the interests of the working masses in a period of transition from capitalism to socialism or communism". Marx e Engels, porém, somente defendiam os métodos da violência armada quando taticamente organizada e suficientemente preparada, quando articuladas as suas condições de êxito, reagindo assim contra os métodos das conspirações sentimentais do socialismo de Babeuf e Blanqui. (14).

6. — *A filosofia marxista da história: socialismo, comunismo e liberdade.* — Socialismo e comunismo não se integram em uma só unidade conceitual. Há determinadas diferenças, aliás pouco precisas, na estrutura ou na essência de ambas ideologias, divergências quanto às suas possibilidades de aplicação prática, ou à amplitude do seu conceito.

Refere-se Max Beer que o termo comunismo, nos anos de 1840-72, implicava a idéia de uma ação revolucionária para a destruição da sociedade capitalista. O socialismo ao contrário era a palavra usada para descrever os métodos e atividades constitucionais, de que se tomavam mão, para a realização de certas reformas econômicas, que provocassem o controle nacional dos meios de produção. Entre 1872 e 1917, os dois termos eram tidos como sinônimos, ou antes chegou mesmo a desaparecer o termo comunista. Com a tomada do poder pelos bolchevistas em 1917, na Rússia, a velha distinção entre os dois termos foi reavivada e tornou-se mais aguda.

Essa apreciação feita por Max Beer em 1935, no seu trabalho sobre "Communism" merece, entretanto, uma complementação histórica, dada a nova "linha justa" assumida recentemente por Staline, apregoando a necessidade de cola-

(14) — Em geral sobre a doutrina marxista v. J. M. Keynes, *Laissez-Faire and Communism*, New-York, 1926. — Pareto, *Les systèmes socialistes*, Paris, 1902-03, 2 vols. — Bertrand Russell, *Reads to Freedom*, London, 1918. — Viktor Cathrein, *Der Sozialismus*, Freiburg, 1923. — Max Weber, *Der Sozialismus*, Wien, 1918. — Ludwig Pohle, *Kapitalismus und Sozialismus*, Berlin, 4. Aufl., 1931. — Hans Kelsen, *Sozialismus und Staat*, Leipzig, 2. Aufl., 1923. — Cf. Airon Rios, *Da Constituição*, Recife, 1947, passim.

boração dos partidos comunistas com os governos liberais, na luta contra as forças fascistas e anti-democráticas. As duas designações vieram de novo a integrar-se em uma relativa sinonímia.

A-respeito dessa discussão teórica, escreve lucidamente Henry Fairchild nos seus estudos sintéticos publicados sobre "Socialism" e "Communism", no "Dictionary of Sociology" (1944, pp. 296 e 50): "In its fundamental philosophy, communism is practically identical with socialism". Ele estabelece as seguintes diferenciações entre socialismo e comunismo, que não dizem respeito à essência das ideologias, porém, à sua aplicação prática: o socialismo se baseia na evolução gradativa e constitucional da sociedade, enquanto o comunismo adota o método da revolução social e rápida da sociedade. Ambos conceitos estavam evidentemente contidos na filosofia social e na sociologia marxista, quando o famoso economista se referia à mudança gradativa da sociedade, ou então aos saltos bruscos, isto é, os "sudden leaps" da transformação social revolucionária.

Além dessa diferença metodológica, variável aliás de acôrdo com a época histórica, o prof. Diehl, no seu trabalho "Sozialismus und Kommunismus", acrescenta uma outra nota distintiva. Segundo o ilustre sociólogo alemão, tanto o socialismo quanto o comunismo partem do pressuposto de uma coletivização ou nacionalização dos meios de produção, mas no socialismo permanece a propriedade privada, limitada no mínimo e no máximo, enquanto que no comunismo tal propriedade privada passa às mãos da sociedade. (15)

A sociologia marxista é, de outro lado, uma das maiores apoteoses já feitas pelo espírito humano para a realização da idéia da liberdade. A acusação articulada contra o socialismo científico, de ser uma doutrina fatalista, é de todo improcedente. Sociólogos famosos como MacIver e Floyd N.

(15) — *Karl Diehl*, Sozialismus und Kommunismus, no Handwoerterbuch der Staatswissenschaften, Jena, Verlag von Gustav Fischer, 1926, VII, pp. 578-612.

House chegam mesmo a rejeitar o marxismo por ser uma doutrina idealista.

Os próprios conceitos sociológicos modernos, como o de invenção e acumulação cultural, estão delineadas no marxismo, que se refere concludentemente à formação histórica e manejo gradativo das forças produtivas “adquiridas pela geração precedente” (won by the previous generation), num trabalho permanente de adaptação (16). Também discriminava Marx (17): “Os homens... distinguem-se dos animais logo que começam a produzir os seus meios de subsistência, passo êsse que está condicionado pela sua organização física, e produzindo os seus meios de subsistências os homens estão indiretamente produzindo a sua atual vida material”. É êsse o parecer de Guthrie, hoje um dos mais afamados conhecedores de Marx: “It may be shown that as 1846 Marx and Engels quite clearly conceived of man as a cultural animal, making adaptive inventions which in turn conditioned his social life”.

Não convém, ainda, esquecer a fórmula famosa de Marx: “Faz o homem a sua história, porém em condições determinadas”. Ou, mais explicitamente, no “Der Achtzente Brucmaire des Louis Bonoparte”. “Fazem os homens sua própria história, mas não a fazem livremente, em condições escolhidas, porém em condições diretamente fornecidas, legadas pela tradição. A tradição das gerações mortas pesa como um pesadelo no cérebro dos vivos...”. Nem Wallis, nem Ogburn seriam mais claros ao mostrarem essa relação recíproca entre tradição e liberdade criadora, dentro dos princípios do determinismo científico.

Sobreleva igualmente essa importância dada à liberdade por Marx, que um eminente filósofo contemporâneo, Radbruch, afirma que “o socialismo, assim como a concepção do direito social, não passa afinal duma outra forma do indivi-

(16 e 17) — Carta de Karl Marx e P. V. Annenkov, Dez., 28, 1946, in Marx-Engels, Selected Correspondence, New-York, 1935, p. 7 e a sua German Ideology, New York, 1939, p. 7.

dualismo". Tudo diante do espanto que causou ao ilustre pensador relativista aquela clássica idéia de Marx e Engels, no "Manifest der Kommunistischen Partei", de que o fim último da revolução social é fundar "uma associação dentro da qual o livre desenvolvimento de cada um se converteria na condição para o livre desenvolvimento de todos".

Afinal, como Marx admitia no "Das Kapital", o homem está mudando a sua própria natureza pela pressão do ambiente, e no mundo comunista futuro, na frase expressiva de Engels, na sua "Herrn Eugen Duehring Umwaelzung der Wissenschaften", se realizará "o salto do reino da necessidade para o reino da liberdade". Essa liberdade, define Sidney Hook, interpretando o pensamento de Engels, "is the freedom of man to make his own social history on the basis of the natural necessities always present".

Então, dirá o mesmo Engels, na sociedade sem classes ou "klassenlose Gesellschaft" prevista pelo gênio clarividente de Marx, o Estado "withers away" e "o governo das pessoas é substituído pela administração das coisas e pela direção do processo de produção". (18)

7. — *O marxismo no julgamento crítico da ciência contemporânea.* — Duas correntes opostas de cientistas se degladiam na interpretação sociológica do marxismo. Uma orientação pretende que o determinismo dialético é uma doutrina fatalista, unilateral, dogmática, monista ou reformista, antiquada, materialista, e mesmo sem nenhuma originalidade. Ao contrário, uma segunda tendência vê no marxismo uma teoria idealista, profética e de estilo messiânico,

(18) — Cf. *George Sabine, A History of Political Theory*, New York, 1945, pp. 713. — *Sidney Hook, From Hegel to Marx*. New York, 1936, e *Toward the Understanding of Karl Marx*, N.Y., 1936. — *A. D. Lindsay, Karl Marx's Capital: An Introductory Essay*, London, 1925. — *Kurt Sauerlund, Der Dialektische Materialismus*, Berlin, 1932. — *Lukacs, Geschichte und Klassenbewusstsein*, Berlin, 1923. — *Siegfried Marck, Hegelianismus und Marxismus*, Kant-Gesells., Phil., Vertrage, 27, Berlin, 1922.

ou mesmo um novo evangelho de natureza tipicamente religiosa. Senão vejamos.

Small, na sua "General Sociology", critica a tentativa marxista de "reduzir o processo social à operação de uma só força", não encontrando sequer "nenhum significado preciso na frase interpretação materialista da história". Conquanto elogiando a doutrina da luta de classe, afirma que o ideal da sociedade comunista não é plausível, nem provável, nem desejável ou mesmo possível.

Bristol, na sua "Social Adaptation" e Todd, em "Theories of Social Progress", criticam profundamente a concepção do determinismo econômico, sustentando o último deles que Marx despreza os fatores biológicos e raciais na interpretação dos fatos sociais. Cooley olhava o pensamento marxista como contrário à sua "visão orgânica" da sociedade, e Ward assertava que Marx antes se preocupava com divagações artísticas do que com a ciência ou a teoria da mudança social.

Sorokin é também dos mais severos opositores do pensamento marxista, que considera como "obscuro e ambíguo", "especulativo e dogmático", comparando-o à doutrina dos padres da Igreja. Assegura inclusive que as "teorias do empobrecimento progressivo das classes trabalhadoras, da concentração da riqueza, do desaparecimento da classe média, e do advento catastrófico do socialismo provaram ser falaciosas". Critica igualmente a unilateridade do determinismo dialético, pela sua atenção exclusiva ao elemento econômico na estrutura social.

Já uma segunda posição é assumida por Barnes, Becker, Lerner, Blumer, MacIver, Boettiger e outros, que vêem no marxismo uma doutrina idealista de forte tonalidade religiosa.

Assim é que Blumer pretende que Marx e Hitler são simples "major saints", devendo "Das Kapital" e "Mein Kampf" ser incluídos no campo da "literatura sagrada".

Barnes e Becker, na sua já clássica "Social Thought from Lore to Science" tipificam exatamente essa tendência; que vê na filosofia social marxista uma verdadeira religião,

como, um “novo evangelho”, ponto de vista êsse também sustentado por Pareto. Barnes e Becker pretendem mesmo descobrir que “da leitura feita por Marx do Velho Testamento talvez tenha derivado a sua fé numa idade de ouro futura de carater semi-nessiânico” (o.c., I, p. 640).

Nêsse sentido, a crítica de MacIver, na sua “Society”, é das mais severas. Ele rejeita preliminarmente não só a interpretação marxista da mudança social, como também as outras “technological explanations” ou “deterministic theories”, que visionam a evolução social como um resultado da mudança no meio ambiente. Tais pontos de vista, segundo MacIver, “minsunderstand the extreme complexity of relationship between life and environment”, o que leva incisivamente o ilustre mestre ianque a assumir na sociologia uma posição idêntica à de Heisenberg na física. Em consequência, procura levar na devida consideração, no processo da mudança social, àqueles outros fatores incluídos no chamado “inner environment”, como sejam os desejos, modos e aspirações, conforme acentuam os sociólogos anti-deterministas.

Isso pressuposto, insiste MacIver em que os objetivos humanos são inerentemente criadores, adotando destarte a posição pragmática de diversas possibilidades de ajustamento social, e doutrinando o princípio da natureza “inherently creative” das finalidades humanas. Ao mesmo tempo, critica a “segurança dogmática” de Marx no seu apêlo às massas exploradas, e o considera como um “dramatic and apocalyptic prophet”. Sômente dêsse jeito é explicável a boa sorte do marxismo na famosa revolução soviética, como uma derivação sentimental da “strenght of a creed and not validity of a science”. Mostra também as falhas de Marx na sua inclinação ética (ethical bent), vendo uma forma de revelação (form of revelation) na sua doutrina de um fim preciso na evolução humana, acentuando afinal que Marx é um idealista na bata de um determinista (idealist indeterministic disguise). É o que igualmente assegura o prof. House, quando na sua obra “The Development of Sociology”, considera apenas o

materialismo histórico como uma espécie de idealismo (a kind of idealism).

De outro lado, Boettiger, na sua recente "Fundamentals of Sociology", nitidamente influenciado por Spengler, Heisenberg, Pareto e Sorokin, como os corifeus da tendência antideterminista da ciência moderna ou da periodicidade do pensamento e da cultura, como é o caso de Spengler, pretende que há uma acentuada e crescente orientação místico-religiosa da humanidade. Mau grado a posição determinista de Marx, ele vê a sua filosofia da história como uma visão apocalíptica do mundo, pretendendo que o credo marxista (marxian creed) é aceito progressivamente como uma fé religiosa, um caminho de salvação das massas (increasingly as a religious faith, a way of a salvation for the masses). Do mesmo modo que o espiritismo, a ciência cristã, e o nudismo, ele reflete a mesma tendência mística (o.c., p. 40). Parece antes um dito de humor, ou um chiste de sociólogo, a sua afirmação de que a análise de Marx sobre a sociedade lembra ou sôa como um capítulo de São João retirado da Bíblia (sounds like a chapter from the book of Revelation according to St. John), ou de que Marx, na realidade, pertença àquela linha de profetas hebreus desde Isaías, Amos e Oseas.

Verifica-se, assim, a discordância de eminentes sociólogos sobre os fundamentos da sociologia marxista. Nomes dos mais ilustres pretendem realçar o lado materialista do mestre do comunismo científico, enquanto outros salientam a sua inclinação idealista, ética e religiosa. (19)

(19) — *MacIver*, *Society: A Textbook of Sociology*, New York, 1937, pp. 444-61. — *Small*, *General Sociology*, Chicago, 1905, pp. 283-84. *Bristol*, *Social Adaptation*, Cambridge, 1921, pp. 103-115. — *Todd*, *Theories of Social Progress*, New York, 1919, pp. 215-16. — *Floyd N. House*, *The Development of Sociology*, New York, 1936, p. 95. — *Ellwood*, *The History of Social Philosophy*, New York, 1936, pp. 325-43. — *Boettiger*, *Fundamentals of Sociology*, New York, 1938, pp. 40, 95, 695. — *Barnes and Becker*, *Social Thought from Lore de Science*, 1938, New York, p. 637. — *Cleodon Fonseca*, *Introdução ao Socialismo Jurídico*, Recife, inédito. — *Djacir Menezes*, *Curso de Economia Política*, Rio, 1947, passim.

Parece, porém, que nenhuma das correntes antagônicas de interpretação realmente apanhou a essência da dialética marxista. Só recentemente é que um novo movimento de reinterpretação crítica do marxismo, dirigido por Guthrie, Hook, Jászi, Blodgett, Brown, Djacir Menezes e outros, propinou um quadro conceitual mais amplo de penetração na sociologia de Marx.

A esse respeito, elucida Guthrie, que existem obstáculos ideológicos e materiais para a compreensão de Marx. Sobre os últimos, convém observar que o determinismo histórico nunca foi tratado de uma maneira sistemática e completa. Consequentemente, para determinar as concepções dos seus criadores, muitas fontes esparsas devem ser consultadas. Estas incluem prefácios a várias edições de obras fundamentais, parágrafos espalhados em diversos estudos de Marx sobre economia política, panfletos políticos, trabalhos polêmicos, correspondência, e mesmo discursos fúnebres. Algumas das mais importantes fontes, por exemplo a "German Ideology" (1846) só se tornou disponível nos últimos anos e ainda mais recentemente na sua tradução inglesa. É essa precisamente a interpretação de Guthrie, no seu clássico estudo "Historical Materialism and its Sociological Critics", que representa hoje em dia uma das tentativas mais sérias de compreensão do marxismo.

Marx pode destarte ser considerado como um dos fundadores da sociologia, ao lado de Comte, cuja obra dever ser ratificada ou superada espiritualmente, mas que, no seu conjunto, é uma das mais geniais criações do espírito humano.

8. — *A superação espiritual do marxismo.* — Marx e Engels entreviram, com lampêjos de gênio, os novos fundamentos objetivos da sociologia, alicerçando-a em dados concretos e empíricos, generalizando-a em um sistema, salientando os aspectos materiais e espirituais da sociedade.

Certo, o arcabouço da teoria marxista não é um edifício perfeitamente acabado, porém permite retificações sucessivas, um aperfeiçoamento gradual e constante. Por isso mesmo, Plekhanov afirmou que o determinismo histórico é um

método “no qual trabalhamos para descobrir” as causas dos diversos fenômenos. Não é aritmética da evolução social, “é a sua álgebra”.

Nesse sentido, Lênine acentuou também o seguinte: “Nossa doutrina não é um dógma mas um guia para a ação, como disseram Marx e Engels, zombando com razão dos que aprendem de memória e repetem mecânicamente as fórmulas, que, no melhor dos casos, apenas servem para assinalar as tarefas gerais, que se modificam necessariamente com a situação econômica e política concreta de cada fase especial do progresso histórico... É necessário aceitar a verdade indiscutível de que o marxista deve levar em conta a vida real, os fatos precisos da realidade e nunca permanecer aferrolhado à teoria do dia anterior...”

É o que os dois mestres do comunismo científico pretendem, quando continuamente afirmavam que “sua teoria não constitui nenhuma fórmula que possa simples e facilmente ser aplicada a todos os fenômenos, mas exige uma investigação acurada dos acontecimentos contemporâneos” (*Selected Works*, sem data, p. 373). A sociologia, a economia ou a ciência política não podem, pois, parar em Marx, Comte, Spencer, por mais aguçada que tenha sido a contribuição desses pensadores para a ciência.

Senão vejamos, em um comentário final, a situação do marxismo diante da ciência social contemporânea, cotejando-os a ligeiros traços na sua visão panorâmica mais profunda.

Em princípio, deve-se salientar mais uma vez, que a doutrina do determinismo histórico não é uma interpretação unilateral, no sentido de uma ditadura unipessoal dos fatores econômicos da história. Quando Cooley, com a sua autoridade, objetava que a interpretação econômica da história é uma doutrina particularista e procurava corrigi-la com a sua “organic view”, ele se esquecia que tais pressupostos conceituais já estavam contidos em Marx, e mesmo nêles superados. Tanto Cooley como Durkheim partiam de uma visão orgânica da sociedade, menosprezando, entretanto, a totalidade do seu

processo histórico. Marx e Engels não só rejeitaram o mecanismo e o materialismo vulgar, como de outro lado não avançaram até as refinadas conceituações da "conscience collective" de Durkheim ou do "group mind" de MacDougall. O marxismo, ao contrário, pode ser antes considerado como um propugnador da sociologia da interdependência dos processos sociais ou do determinismo funcional.

Com efeito, na sua carta a H. Starkenburg (25, Janeiro, 1894, in *Correspondence*, p. 517), pretende Marx que o homem não é uma vítima das circunstâncias num sentido puramente fatalista: "Men make their history themselves, only in given surroundings which condition it on the basis of actual relations already existing". As condições econômicas formam o entrelaçamento vermelho (form the red thread), no qual as ideologias têm também uma atuação dinâmica e propulsora, pois "a concepção ideológica reage por seu turno sobre a base econômica e pode, dentro de certos limites, modificá-la (carta a Conrad Schmidt, 27, Out., 1890, in *Correspondence*, p. 482). Engels igualmente afirmava que "o baixo desenvolvimento econômico do período pré-histórico é também parcialmente condicionado e mesmo causado pela falsa concepção da natureza" por aquela mesma concepção mística do homem primitivo magistralmente deslindada por Freud e Levy-Bruhl. E enfim o já mencionado trecho decisivo de Marx, na sua 11.^a tese sobre Fourbach: "Os filósofos não têm feito até aqui senão interpretar o mundo de diferentes maneiras; trata-se agora de transformá-lo".

Assim, vendo essa causação múltipla da realidade social mediante o jogo e a interpenetração recíproca de inúmeras forças, o marxismo abriu caminho a um aperfeiçoamento progressivo da sociedade moderna, que lhe corrigiu os seus defeitos afim de ministrar os fundamentos da teoria unitária do campo social e do determinismo probabilístico.

A própria concepção da "Social Change" de Ogburn re-insiste essencialmente nesse tema dialético. O conceito da "material culture", usado pelo eminente sociólogo ianque, corresponde ao das "forças produtivas" ou "técnicas de pro-

dução” de Marx. Paralelamente ao conceito infeliz da “non-material culture”, do mesmo Ogburn, está a feliz expressão marxista de ideologias e formas de organização social. Segundo Marx, a economia é a “base” da sociedade, a ideologia é a sua superestrutura, e essas forças produtivas da economia condicionam as diversas relações sociais, costumes e idéias, da mesma forma que, na teoria de Ogburn, a cultura material condiciona a cultura não-material.

O próprio Sombart adverte, na construção do seu sistema sociológico e econômico, a existência de uma distinção entre cultura material (*materielle Kultur*) e cultura espiritual (*geistige Kultur*), numa orientação similar a de Marx.

De mais a mais, o pensamento marxista preparou o caminho ao desenvolvimento da moderna sociologia epistemológica (*Wissenssoziologie*) de Mannhein, Scheler, Sorokin, Szende e outros, bem como lançou as bases da recente doutrina do campo social de Dodd, Lundberg, Lewin, Brown e Mário Lins, ou ainda da teoria das situações sociais de Florian Znaniecki, ou afinal do funcionalismo de Bronislaw Malinowski. (20)

O segundo andar do majestoso edifício marxista é a teoria da luta de classes e das contradições sociais. Evidentemente é uma falha da concepção marxista essa conceituação simplista da luta de classes, negligenciando uma possível colaboração entre os grupos sociais na realização da harmonia social. Esse grave defeito, entretanto, pela sua simplicidade

(20) — Nesse sentido Sorokin, desenvolve a concepção da cultura integrada, nos seus trabalhos *Sociocultural Causality, Space, Time, Durhm*, 1943, pp. 38 s. e *Social and Cultural Dynamics*, New-York, 1937, 4 vols., passim. — Mannhein, *Wissenssoziologie*, no *Handwoerterbuch der Soziologie*, Stuttgart, 1931, p. 659. — Lundberg, *Foundations of Sociology*, New-York, 1939, p. 103. — Dodd, *Dimensions of Society*, New-York, 1942, p. 25 s. — Bronislaw, *Social Anthropology*, in E. B., London, 1939. — Florian Znaniecki, *Controversies in Doctrine and The Method of Sociology*, New-York, 1934. — William Fielding Ogburn, *Social Change*, New-York, 1938, pp. 200 s. — A. Liebert, *Materialistische Geschichtsphilosophie*, in *Handwoerterbuch der Soziologie*, 1931, Stuttgart, pp. 360-70.

revolucionária, levou Marx à concepção das contradições dialéticas da sociedade, crisálida do moderno princípio da simetria nas ciências sociais. Marx admitia também, num corretivo à sua própria doutrina, dois tipos de evolução social: o gradativo e o revolucionário. É o que observa Goldenweiser na sua "Cultural Anthropology": "Marx did not deny the actuality of gradual change but he insisted in the presence of another and opposite tendency, the tendency, namely towards cataclysmic or revolutionary transformations".

Tais especulações revolucionárias no domínio da sociologia ou da economia levaram recentemente um ilustre sociólogo mexicano, o prof. Lucio Mendieta y Nunez, a proceder a uma retificação na concepção marxista das lutas de classe, permitindo outrossim uma indagação mais profunda sobre a natureza dos partidos políticos. (21)

Novo andar da construção marxista nos deixa entrever uma das mais profundas previsões da sociedade humana. Como se sabe, êsse intrincado problema da previsão social só recentemente veio a ser debatido, porém já estava contido nas linhas fundamentais do marxismo. Êle se preocupava, essencialmente, em deslindar as fases contemporâneas da história como uma base de previsão da fase próxima. Os conceitos marxistas eram evidentemente tipos ideais ou operacionais, no sentido de Dodd, Lundberg, Weber, usados "para descrever épocas históricas dotadas de interpenetração e continuidade, que não eram consideradas como sendo etapas lineares inevitáveis". Nêsse sentido os conceitos de "sociedade feudal" ou "sociedade capitalista".

Com efeito, essa antevisão genial de Marx, com a qual se acordariam os seus mais rudes opositores, a exemplo de Sombart ou de Sorokin, rejeita uma concepção rígida de fases lineares da mudança social. Marx escrevendo sobre a Rússia, numa carta a F. Sorge, afóra em outros trechos (cf. suas *Selected Works*, 2, N.Y., sem data, pp. 667), admitia o

(21) — Vide a brilhante síntese de *Lucio Mendieta y Nunez*, *Los partidos politicos*, México, p. 119.

princípio da “interpenetração” das épocas históricas, como um conceito aplicável à mudança histórica e social, idéia a que chegou não só pelo seu método dialético como também pelas suas indagações concretas da história.

Isto pressuposto, verifica-se que as leis formuladas por Marx sobre o desenvolvimento da sociedade capitalista são profundamente acertadas e permanecem válidas. Enquanto a sociedade humana está articulada segundo os princípios do ganho e do lucro, que na sua essência constituem o espírito e a alma do capitalismo como tipo ideal, há evidentemente *uma lei tendencial* para a concentração do capital, para a proletarianização das massas e para as crises econômicas cada vez mais devastadoras. Essa teoria das crises, rebatizada segundo Woolley Mitchell pelo nome de “business cycles”, recebeu nos trabalhos recentes de Hawtry, Hobson, Aftalion, Spiethoff, Foster, Catchings, Martin Veblen, Lescure, Schumpeter e do próprio Mitchell, os mais brilhantes e profundos aperfeiçoamentos. (22)

Destarte, não procedem em geral as críticas dos economistas e sociólogos, que afirmam a realização imperfeita das leis marxistas do desenvolvimento da sociedade capitalista. Karl Hemburger, por exemplo, combatendo Marx, pretende que são possíveis determinadas medidas que tornem sem valor tais generalizações. De outro lado, Sabine salienta que realmente ocorreu a concentração das indústrias em larga escala, não se verificando entretanto o aumento do proletariado. F. Fairchild, Buck e Furniss afirmam, por sua vez, que se processou de fato essa acumulação da riqueza, destacando

(22) — Adams, *Analysis of Business Cycles*, New-York, and London, 1936. — Boukharine, *L'Économie mondiale et l'Imperialisme*, Paris, 1928. — Haberler, *Prosperidad y Depressión*, México, 1942. — Hawtry, “The Trade Cycle”, in *Readings in Business Cycle Theory*, Philadelphia, 1944. — Mitchell, *Business Cycles and their Causes*, University California Press, 1941 e “Business Cycle”, in *Reading in Business Cycle Theory*, Philadelphia, 1944. — Tinbergen, “Econometric Business Cycle Research”, in *ibid.*, Philadelphia, 1944. — Varga, *La Crise: économique, sociale, politique*. Paris, 1935.

em oposição, que a parte mais importante da predição marxista, da miséria crescente do proletariado, foi desmentida pelos acontecimentos. E assim por diante.

A verdade, porém, é que esses opositores desconheciam o princípio marxista da interpenetração das épocas históricas, de uma realização progressiva do socialismo dentro da própria estrutura da sociedade capitalista, e que lhe viria corrigir os defeitos. Bem diz, entre nós, Pontes de Miranda, comentando essas críticas: "Não é bem isso. Si aqueço o meu quarto na Haia, nem por isso a Haia deixa de ser fria. A diminuição do exército de reserva pela socialização como sentido político não infirma a proposição científica de que ele tende a crescer". Em consequência, quando os críticos increpam Marx de não haver previsto o crescimento do seguro social, do sindicalismo, da legislação trabalhista, e de outras mais medidas protetoras dos membros fracos da sociedade, a objeção é improcedente. Tais medidas apenas demonstram uma interpenetração histórica entre as sociedades capitalista e a socialista, de modo que determinadas instituições socialistas, como o seguro social ou a legislação trabalhista, vêm apenas corrigir os defeitos imanescentes da estrutura social burguesa, realizando assim um socialismo progressivo. Mas as leis do desenvolvimento da sociedade capitalista não deixam de existir, e ocorreriam inevitavelmente, não fôsse esse contrapezo histórico do socialismo, aliás previsto por Marx.

O penúltimo piso da ideologia marxista é a concepção socialista do Estado e da revolução, que salienta a profunda influência das forças econômicas e produtivas na estruturação dos grupos políticos ou do processo revolucionário.

É bem de ver que, conquanto exagerada a perspectiva marxista sobre o Estado, ela não deixa de conter o seu grão de verdade, uma vez que o Estado primitivo, uma vez ultrapassada aquela fase lábil de uma organização tribal simples, articulou-se como um Estado-de-conquistadores, na expressão de Oppenheimer. Um Estado baseado na opressão, na violência, na conquista e no poder, que pouco e pouco vai

se transmutando, à medida em que avança a humanidade, em um Estado progressivamente mais justo e humanizado.

A previsão comunista de que, na sociedade humana do futuro, o governo das pessoas será substituído pela administração das coisas e pela direção do processo de produção, não discorda profundamente da visão do Estado consignada no pensamento de Duguit, MacIver, Laski e outros próceres do direito público moderno. De feito, Duguit se refere constantemente a essa transformação permanente das formas políticas, profetizando mesmo que o Estado-poder, baseado na idéia de uma soberania absoluta, está se modificando continuamente, e que, para o futuro, êle será tão somente "uma cooperação de serviços públicos controlados pelos governantes". Um ponto de vista semelhante é adotado por B. Russell, Laski, MacIver, e que permite comprovar que a previsão marxista não é tão destoante da realidade como à primeira vista se poderia pressupor.

Já a doutrina da revolução, motivada sobretudo pelo condicionamento econômico e social, envolve finas especulações de caráter pragmático e ético. Situando, porém, tal discussão em um plano puramente empírico, é evidente que as revoluções constituem um fato normal e frequente na sociedade humana. Os estudos de Timasheff, Oldenburg, Sorokin, Povina, Orgaz, Bernard, Lênine, Geiger e outros sobre esse problema mostram a tipicidade do fato revolucionário, que se justifica pragmaticamente como uma válvula de escapeamento dos ideais humanos injustamente oprimidos por uma minoria privilegiada e intransigente.

Ninguém hoje em dia, que tenha o juízo apurado, condena a revolução inglesa contra o absolutismo dos Stuarts, nem tão pouco a grande revolução francesa de 1789 contra o despotismo dos Bourbons. Naquela época, a violência da maioria contra uns poucos se justificava praticamente, dado o estado social de anarquia ou injustiça social, que não podia mais ser suportado pelo povo sofredor. Praticamente os excessos da revolução foram o contrapeso histórico dos exces-

dos da reação, em conformidade ao princípio da mecânica social de igualdade da ação e reação.

No plano ético a questão assume um outro aspecto, uma vez que se deve evitar o uso da violência mediante uma solução pacífica e humanista do problema social. O ideal será realizar a reforma social sem a revolução, esta só devendo proceder-se quando exgotados os expedientes de uma transformação pacífica da sociedade, segundo aquelas condições de legitimidade das revoluções tão bem sintetizadas pela filosofia tomista.

Enfim, o derradeiro andaime da formosa construção marxista, que se refere à idéia da liberdade. É evidente que, na estrutura essencial do regime capitalista, o homem é uma simples vítima das circunstâncias em que se encontra, não podendo realizar nem a sua vocação nem o seu destino na vida. Assim, a sua liberdade política, concedida e garantida formalmente nos textos legislativos da democracia burguesa, é um contrasentido. Ao contrário, o regime socialista viria garantir objetivamente essa liberdade política, fundamentando-se na liberdade econômica do cidadão.

A liberdade, já dizia magistralmente Engels, é "necessariamente o produto do desenvolvimento histórico". De outro lado, prosseguia êle, no "Anti-Duehring" (p. 125), "a necessidade é cega somente e à medida em que não é compreendida. A liberdade da vontade destarte significa apenas a capacidade de tomar decisões com um conhecimento real do problema". Por isso mesmo, salientava que "nada mais desacredita o moderno desenvolvimento burguês do que esse fato de que êle não conseguiu superar as formas econômicas do mundo animal", ou seja, a luta cega pela existência.

De onde essa frase elegante de Engels, ainda no "Anti-Duehing" (p. 310), acentuando como no regime comunista, a maioria dos homens deve esperar que "history will... pass under control of men themselves. It is only from this point that men, with full consciousness, will fashion their own history... It is humanity leap from the real of necessity into realm of freedom".

Sobreleva ainda, que Marx e Engels avançaram luminariamente no domínio ainda escurecido das questões de controle social, de previsão ou de reforma da sociedade. Por isso mesmo, destaca Lee Huberman que Marx não planejou nenhuma utopia (*planned no utopia*), mas apenas estudou a sociedade presente afim de descobrir as forças que operam para a futura mudança social, permitindo simultaneamente o controle da natureza e da sociedade pelo próprio homem.

Compreende-se, pois, a profunda atuação pragmática e revolucionária do marxismo. Tão grande que, mesmo um dos seus contraditores, o eminente sociólogo ianque Small, predisse que "in the ultimate judgement of history Marx will have a place in social science analogous to that of Galilee in physical science". Em um sentido similar Brown, no seu célebre livro "Psychology and the Social Order" (p. 449), declara que a "filosofia marxista da sociedade é uma construção tremenda e poderosa. Consiste numa metodologia para o estudo da sociologia e da história, numa concepção da história, num sistema de economia, numa teoria da ciência política, e num sem número de máximas práticas para uso dos políticos, que individualmente pretendem aplicar essa filosofia à própria vida".

Chega mesmo o ilustre sociólogo ianque a afirmar que a doutrina marxista do determinismo dialético tem profunda relação com a teoria do campo que ele recentemente desenvolveu, assim esclarecendo: "It may be considered significant that my views on the nature of the scientific methods were developed without knowledge of the methodological writings of Marx, Engels, and Lenin. I came upon these writings only after the present work was outlined in the greatest detail. I mention this fact not out of any personal wish for the "credit of independent individual discovery" but because the agreement is much more significant when it is considered that the principles are developed in various fields of endeavor" (o.c., p. 485).

E outro não é o juízo crítico dos mais modernos comentadores, como Jászi, Guthrie, Hook, Blodgett, Laski, Hei-

mann, Westmeyer, e demais, mostrando a imponência da andaimaria marxista. (23)

Do núcleo central do marxismo resulta, em síntese, uma verdade incontestável, reconhecida hoje em dia por Sombart, Max Weber, Vierkandt, Sorokin, Laski, Mennhein, que é a marcha da humanidade para o socialismo. Nenhuma força, ou combinação histórica de forças, pode deter esse avanço secular e progressivo das formas sociais e políticas para o socialismo, como a próxima etapa de evolução da humanidade.

9. — *Dialética, comunismo e liberdade ética*. — Esclarece Sabine que Marx disse uma vez de si mesmo que não era um marxista (24). Na verdade, com a sua profunda experiência de intelectual e revolucionário, e de mais a mais com a exploração e superior entendimento da essência da dialética, reconhecia Marx não poder a ciência deter-se nas suas especulações. Admitia ao contrário um progresso constante na economia ou na sociologia, retificando ou aprimorando as concepções clássicas, que se arejavam ao contato dos novos fatos.

O pensamento básico da filosofia marxista é, de feito, o princípio da dialética, que o gênio clarividente de Marx foi buscar na "Wissenschaft der Logik" de Hegel. Para o criador do socialismo científico, a dialética é o estudo das leis

(23) — Vide ainda Westmeyer, *Modern Economic and Social Systems*, New-York, 1942, pp. 97-162. — Heimann, *History of Economic Doctrines*, New-York, 1927. — S. F. Markham, *A History of Socialism*, New-York, 1931. — A. W. Small, *Socialism in the Light of Social Science*, Amer. J. Soc., 1912, 17, pp. 904-817. — Lee Hubermann, *Man's Goods*, N.Y., 1936, p. 223. — F. Engels, *Anti-Duehring*, New-York, 1939, pp. 125, 309 e 310. — J. B. Clark, *Social Justice Without Socialism*, Boston, 1914. — Adolf Weber, *Ende des Kapitalismus*, Muenchen, 1929. — Gustav Cassel, *Sozialismus oder Fortschritt*, Berlin, 1929. — Max Scheler, *Prophetischer oder marxistischer Sozialismus?* in *Shriften zur Soziologie und Weltanschauungslehre*, Leipzig, 1923-24, III, pp. 1-25.

(24) — Sabine, o.c., p. 715: "Karl Marx once said of himself that he was not a Marxist".

gerais do movimento da natureza física, da natureza biológica, da sociedade e da história. (25)

Marx apenas inverteu o processus hegeliano da história, posto que, segundo o fundador da lógica dialética, as leis do desenvolvimento histórico apenas refletiam e espelhavam o desenvolvimento do pensamento lógico.

Eis como Brown sintetiza a dialética marxista: "A história por conseguinte é um processo dialético onde as forças da natureza se desenvolvem de tal maneira que novas sínteses ocorrem na base da resolução das antíteses anteriores. A natureza está num fluxo dinâmico e contínuo. Dêse fluxo se evoluíram novas formas, primeiro a vida do inorgânico, depois a sociedade da vida, então diversas formas de sociedade, isto é, o comunismo primitivo, o feudalismo, o capitalismo, e finalmente o comunismo. E cada uma dessas sociedades desenvolveram suas próprias antíteses ou contradições, que serão resolvidas ou sintetizadas na próxima e superior etapa. Assim o feudalismo não pode acomodar-se às novas rotas comerciais, e à possibilidade da expansão industrial, que ocorreu dentro da sua própria estrutura, e o capitalismo representou um melhor ajustamento na criação do mercado moderno. Atualmente, existe a contradição criada pelo sistema de lucro em face de uma indústria já socializada, e esta antítese apenas pode ser resolvida no comunismo, onde as crises capitalistas da superprodução são impossíveis".

No mesmo sentido, assim descreve Sidney Hook, professor da Universidade de New-York, o processo dialético da história: "From objective conditions, social and natural (the-

(25) — *Adoratsky*, *Dialectical Materialism*, New-York, 1934. — *Lenin*, *Materialism and Empirio-criticism*, New-York, 1936. — *Engels*, *Dialektik der Natur*, Marx-Engels-Archiv, Frankfurt a.M., 1927 e *Ludwig Feuerbach*, New-York, 1935. — *Struik*, *Review of Engel's Dialektik der Natur*, in *Phil. of Science*, 1934, I, 122-123. — *Emery*, *Dialectics versus Mechanics*, *Phil. of Science*, 1935, 2, 9-38. — *Leontiev*, *Political Economy*, New-York, sem data. — *Bukharin*, *Historical Materialism*, New-York, 1925. — *Strachey*, *The Coming Struggle for Power*, New-York, 1933 e *The Nature of Capitalist Crisis*, New-York, 1935.

sis), there arise human needs and purposes which, in recognizing the objective possibilities in the given situation (antithesis) set up a course of action (synthesis) designed to actualize these possibilities. All change from one social situation to another, and from one social system to another exhibits: (1) unity between the two phases, in that certain features are preserved (e.g., the technical forms of socialized production under capitalism are preserved under communism); (2) difference, in that certain features of the first are destroyed (e.g., the social relations of capitalist production, private property, etc.); and (3) qualitative novelty, in that new forms of organization and activity appear which cannot be reduced merely to a mechanical combination of them. The process of creative development continues for ever. *There are no laws of social life which are invariant except the general schema of development.* At a critical points in the complex interaction of (1) the social institutions from which we start, (2) the felt needs which their immanent development produces, (3) and the will to action flows from knowledge of the relation between institutions and human needs, new laws of social organization and behavior arise". (26)

Em suma, dar-se-ia na sociedade moderna segundo Marx, uma transformação inevitável do capitalismo para o socialismo, e dêste para o comunismo, do mesmo modo que se processou uma mudança fatal do regime feudal para o capitalismo.

Verdade seja que os mestres do socialismo científico, Marx e Engels não precisaram uma distinção rigorosa entre socialismo e comunismo, preferindo apenas a designação de comunismo para a sua doutrina, colimando com êsse termo uma diferenciação com respeito ao socialismo utópico de Babeuf, Blanc, Fourier e outros.

Hoje em dia, porém, com o informe exposto por Stalin

(26) — S. Hook, *Towards the Understanding of Karl Marx*, New-York, 1933, pp. 84-85.

no VIII Congresso dos Soviets sobre o projeto da constituição russa de 1936, o socialismo é ou constitue “a fase primeira ou inferior do comunismo”, enquanto o comunismo é “o socialismo na sua fase superior”.

Marx, Engels, Lenin e Stalin previram as linhas básicas da sociedade comunista do futuro, da qual seria oportuno desenhar um ligeiro bosquejo, em consonância às idéias do mais recente dos discípulos de Marx, que é Stalin no seu trabalho intitulado “Leninism”: “The general characteristics of Communist society are given in the works of Marx, Engels, and Lenin, Briefly, the anatomy of Communist society may be described as follows: It is a society in which (a) there will be no private ownership of the means of production, but social, collective ownership; (b) there will be no classes or State, but workers in industry and agriculture managing their economic affairs as a free association of toilers; (c) national economy, organized according to plan, will be based on the highest technique in both industry and agriculture; (d) there will be no antithesis between town and country, between industry and agriculture; (e) the products will be distributed according to the principle of the old French Communists: “from each according to his abilities, to each according to his needs”; (f) science and art will enjoy conditions conducive to their highest development; (g) the individual, free from bread-and-butter cares, and of necessity of cringing to the “powerful of the earth”, will become really free, etc., Clearly, we are still remote from such a society”. (27)

Na cosmovisão stalinista não há, pois, um antagonismo entre comunismo e liberdade, uma vez que somente no regime comunista o homem conseguiria o pleno desabrochar das suas possibilidades, sem ter a sua verdadeira vocação frustrada pela servidão do meio econômico, como é o caso do capitalismo.

(27) — J. Stalin, *Leninism*, New-York, 1933, pp. 70-71. — *Linares Quintana*, *Derecho Constitucional Soviético*, Buenos-Aires, 1946, p. 151.

Além disso, convém salientar que, para a filosofia social do marxismo, o sistema comunista não constitui a etapa derradeira ou final da evolução humana, como em geral se pressupõe. Da própria essência do princípio dialético, tal como foi formulado por Hegel, decorre naturalmente uma mudança contínua do processo histórico, o chamado "devenir" ou "werden".

Segundo a conceituação da magestosa filosofia da história desenvolvida por Marx e Engels, o sistema comunista seria substituído, com a graduação progressiva da história, por uma fase ou estágio social, onde o homem teria um pleno controle sobre o seu próprio destino.

É o que o prof. Brown denomina de etapa histórica da liberdade ética, conforme expõe lucidamente na sua "Psychology and the Social Order" (p. 451): "In the future communism will be replaced by something else. Throughout this process there has been progress, if by progress is meant increase in ethical freedom, but this progress has been by no means continuous".

Não haveria, assim, uma contradição ou um antagonismo entre determinismo dialético e liberdade, no sentido de que essa liberdade seja a antítese absoluta ou o polo contrário da idéia determinista.

De feito, cientistas e filósofos separados mutuamente pela intercadência dos séculos, como Spinoza, Engels, Wheeler, Brown e Wolf, de acordo aliás com o pensamento clássico de Aristóteles, acentuaram incisivamente a compatibilidade entre determinismo e liberdade ética.

Assim, por exemplo, adverte com precisão o mesmo Brown: "But for purposes of ethics one may speak of freedom as a corollary of determinism rather than its antithesis. For certainly humanity grows in its powers over nature with the growth of science and the abolition of ignorance. The freedom of the primitive to starve, to be attacked by all the forces of nature over which he had no control, to believe only in his limited mythologies and cosmologies is a poor thing compared with the richness which scientific determinism gi-

ves to modern life. For ethical purposes freedom may be re-defined as being greatest where knowledge of determinism is greatest". (p. 337)

A idéia da liberdade, como auto-determinação do indivíduo diante das possibilidades vitais oferecidas pela existência, ou simplesmente auto-determinação do indivíduo diante da realidade objetiva não se contrapõe, pois, ao princípio do determinismo em si.

A medida do próprio avanço progressivo da ciência, o homem conhecerá de uma maneira mais adequada as leis, que regem o curso dos fenômenos históricos ou naturais, e poderá de igual maneira predizer e controlar a natureza bem como a sociedade. A liberdade seria, em consequência o último termo da equação política hegeleano-marxista, ou seja o coroamento do processo histórico. (28)

(28) — Sobre as relações entre lógica dialética e lógica probabilística, vide os recentes estudos de *Oliver L. Reiser*, *Physics, Probability, and Multi-Valued Logic*, Reprinted from *The Philosophical Review*, November, 1940, pp. 662-70 e *Aristotelian, Galilean and Non-Aristotelian Modes of Thinking*, Reprinted from *Psychological Review*, vol. 46, n. 2, March, 1939, pp. 151-162. — No Brasil, há a respeito os ensaios de *Mário Lins*. *A transformação da lógica conceitual da sociologia*, Rio, 1945, e *Djaciir Menezes*, *Das leis econômicas*, Rio, 1945. — *José Meira*, em sua síntese *Sobre o problema da crise na Sociologia contemporânea*, Recife, 1948, passim, compara os sistemas modernos da dinâmica social, estabelecendo uma visão de conjunto do marxismo.